

# POESIA

Shi

um filme de Lee Chang-dong

com Yun Junghee, An Naesang, Kim Hira, Lee David

139 minutos - 35 mm - Coreia do Sul - 2010

## Sinopse

Uma avó, com um neto problemático a seu cargo, é desafiada, pela primeira vez na vida, a escrever um poema. E, enquanto tenta encontrar a beleza presente no seu quotidiano, enfrenta a realidade nua e crua que existe, muito além da sua imaginação, apercebendo-se de que a vida talvez não seja tão bela como supunha...

## A OUSADA SERENIDADE DE POESIA

por Claude Mouchard

*Uma breve conversa com o realizador Lee Chang-dong*

Ah... poesia!

Antes mesmo de ver o filme, apercebi-me de quão peculiar é o título. Perguntei-me sobre aquilo que o público aguardaria quando ouvisse este título. Os filmes precisam de público, mas como é que este filme sonharia chegar até ele com um título como "Poesia"?

De vez em quando penso para mim que "poesia" é uma palavra que sugere "algo que as pessoas já não desejam". Claro que estas "pessoas" incluiriam o público de cinema e os produtores e distribuidores que põem a culpa toda em cima do público.

Poesia... a poesia está intimamente ligada a Mija, a protagonista do filme. A sua vida é pobre. Vive sozinha com o seu temperamental neto adolescente, ganhando a vida a tomar conta de um idoso paralisado.

No entanto, dentro do ecrã, e à sua maneira, ela aprecia a sua liberdade e floresce como uma flor. Os outros consideram estranha a sua elegância. A sua frescura e fragilidade, que lembram uma corola ou uma pétala de uma flor, escondem bem a sua feroz determinação.

Embora exista um crime, que se encontra em investigação, a história deste filme é difícil de explicar. Apenas os momentos no presente emergem para brilhar infinitamente. Quando Mija conversa com a mãe da rapariga que morreu - esquecendo-se porque se encontrava lá - parece que o tempo parou. É como se apenas existisse aquele momento.

O filme é tão leve quanto o ar mas é também doloroso. É preciso senti-lo a cada momento. Este filme conquista o público através de uma relação fluida interior que une cada momento. Graças ao olhar perplexo desta mulher, resultado da sua demência, cria-se um ritmo sensorial no interior do filme. A cor, as flores, o som dos pássaros (dizem que Virginia Woolf, que também terá enlouquecido, julgou compreender o significado do chilrear dos pássaros).



**Festival de Cannes 2010: Prémio Melhor Argumento**

Poesia? A poesia existe em cada canto deste filme e também funciona como ligação. Cada personagem mistura-se com outra, como o "Canto de Agnes" "cantado" pela velha senhora que se transforma para a voz da miúda. A rapariga morta regressa para olhar directamente para o público. E até conseguimos ver um sorriso débil na sua cara.

Uma sólida força alegórica percorre todo o filme. Embora seja difícil de explicar, é como uma interrogação que carregam nos seus corações. Seleccionei alguns pedaços desta incerteza para colocar as minhas próprias questões ao realizador e ouvir as suas respostas.

*Durante o processo de criação de um filme, quando é que escolhe o título? Quando e como lhe surgiu a ideia de fazer um filme sobre poesia usando literalmente o título "Poesia"?*

Normalmente escolho o título do filme bastante cedo. Se não o fizer, não me consigo convencer de que o filme será feito. Há uns anos, ocorreu um caso em que vários rapazes de uma pequena cidade da província violaram uma rapariga de uma escola secundária. Durante algum tempo fiquei a pensar neste acto de violência mas sem ter a certeza de como iria contar esta história num filme. Em primeiro lugar, pensei numa história de um conto de Raymond Carver, "So Much Water So Close to Home", mas pareceu-me um pouco vulgar. Então, uma manhã, num quarto de hotel em Tóquio, estava a ver televisão quando o título "Poesia" me surgiu. Acho que era um programa de televisão feito para turistas que passam noites em claro a jogar. Enquanto observava o televisor a emitir música meditativa por cima de paisagens extremamente típicas de pássaros a voar sobre um rio calmo, enquanto pescadores lançam as suas redes de pesca, percebi que este filme que lidava com este crime insidioso não podia ter outro título senão "Poesia". A protagonista e o enredo foram concebidos quase ao mesmo tempo.

A minha companhia durante essa viagem foi um velho amigo que é poeta. Quando lhe falei do título da história em que tinha pensado nessa noite criticou-o como sendo um projecto extremamente imprudente. Mas, estranhamente, as suas palavras reforçaram a minha convicção.

*Quando pensou pela primeira vez em trabalhar com Yun Junghee? O público coreano vai reconhecê-la ou existe uma geração que já não o vai fazer?*

Concordo que o público mais jovem, na casa dos vinte anos, não conheça muito bem Yun Junghee. A falha geracional no cinema coreano é muito profunda. Desde início, ou quando pensei numa mulher com cerca de sessenta anos, lembrei-me de Yun Junghee. Surgiu tão naturalmente como se fosse um facto inquestionável. Não teve qualquer importância que ela tenha estado afastada do cinema nos últimos 15 anos. O nome da personagem principal é Mija, o verdadeiro nome de Yun Junghee. Não foi intencional mas sim uma coincidência.

*Quando é que pensou no tema da “demência”?*

“Demência” foi uma palavra que me apareceu quase ao mesmo tempo que pensei nos três elementos centrais do filme: o título, “Poesia”; uma personagem feminina com cerca de 60 anos a tentar, pela primeira vez na sua vida, escrever um poema; e uma idosa a criar sozinha um rapaz adolescente. Ao mesmo tempo que a nossa protagonista aprende poesia, começa a esquecer-se das palavras. A demência claramente alude à morte.

*O poeta que dá a aula nunca fala das técnicas de escrita de poesia, mas enfatiza a sua atenção em “ver as coisas verdadeiramente”. Da mesma forma, podemos relacionar poesia e cinema?*

Sim. “Ver bem as coisas” refere-se à poesia, mas também se refere ao cinema. Alguns filmes ajudam-nos a ver o mundo sob uma outra luz. E alguns filmes deixam-nos ver apenas aquilo que queremos ver, enquanto outros nos impedem de ver o que quer que seja.

Ao longo da aula de poesia e do grupo “Love Poetry”, a poesia torna-se o elemento central deste filme. Acredito que a estrutura desta película tem uma relação muito próxima com a poesia. A razão pela qual prefiro este filme em relação aos seus outros filmes deve-se à fluidez que liga cada momento ao outro. É justo defini-lo como um filme “aberto”?

Como uma página com um poema, pensei num filme com muito espaço vazio. Este espaço vazio pode ser preenchido pelos espectadores. Nesse sentido, pode dizer-se que este é um filme “aberto”. [...]

*Colocou a questão: “O que é a poesia num tempo em que a poesia se encontra a morrer?” E comentou ainda que essa é uma questão direccionada para o cinema num tempo em que também o cinema está a morrer. Os seus pensamentos sobre a poesia estão reflectidos no final do filme?*

Quis apenas lançar esta questão aos espectadores. O público tem agora a chave para a resposta a esta pergunta. No entanto, um dos meus pensamentos sobre a poesia é a de que ela entoa em nome das emoções e pensamentos de alguém. Se alguém me perguntar porque é que eu faço filmes, eu posso responder: “Estou a contar a sua história por si”.



*“O emocionante retrato de uma avó que se inicia na poesia ao mesmo tempo que perde a memória. Uma grande interpretação da actriz.”*

**Les Inrockuptibles**

*“Poesia revela finalmente em Portugal o talento do sul-coreano Lee Chang-dong. É a história do sacrifício de uma avó-coragem. Filmada à flor da pele, com a calma de um domingo à tarde. Grande filme.”*

**Francisco Ferreira, Atual – Expresso**

*“Revelação portuguesa de um cineasta coreano (...). O que é interessante, e conseguido, é que todos estes ingredientes narrativos, que tão facilmente seriam postos no centro de tudo, são superados em função de um elogio da contemplação. (...) A protagonista, que estava retirada há doze anos e fez aqui um “come back”, é extraordinária.”*

**Luís Miguel Oliveira, Ípsilon – Público**

*“Esta mulher que não sai de cena (extraordinária Yun Jung-hee) (...) é, mais do que um símbolo de um mundo em extinção, um exemplo de vida que o realizador acolhe no seu desejo de trazer a realidade para o cinema. O que faz de maneira lírica e delicada, sem retórica florida nem desejo de propaganda, instilando talvez mais do que insinuando, acrescentando humanidade onde geralmente só existe desdém, dando a ver em imagens rigorosas e pungentes outro lado do quotidiano.”*

**Rui Monteiro, Time Out Lisboa**

*“Um poema escrito com a vida e uma câmara de filmar. (...) Duas horas e vinte de beleza e cicatrizes. Um poema da condição humana escrito com palavras tão improváveis como karaoke, badminton ou Viagra.”*

**Alexandre Borges, Jornal I**